

ENTREVISTA Eliane Brum, jornalista e escritora

# Possuída por si

CÁSSIA CANDRA

A "literatura escrita com sangue", como diz o texto da contracapa de *Uma Duas*, lançamento da editora Leya, é marca registrada da autora, a jornalista, escritora e documentarista Eliane Brum. Na trajetória de mais de 20 anos e 40 prêmios, a vencedora do Jabuti 2007 com as crônicas agudas de *A vida Que Ninguém Vê* (Arquipélago Editorial), chega à sua primeira obra de ficção com um romance sobre a delicada relação entre mãe e filha. Investigando este laço simbiótico, a colunista do site da Revista Época passa longe dos eufemismos que sustentam a sacralização dessa imagem. E é com essa proposta de desconcertante honestidade que Eliane toca em questões femininas cruciais: "Como uma filha se arranca do corpo da mãe, como uma mãe larga o corpo da filha"? Nesta entrevista, a gaúcha que iniciou a carreira no jornal *Zero Hora*, tornando-se depois reconhecida cronista do cotidiano, fala sobre o impacto da experiência, que de um golpe só a fez parar a autora de ficção e a mulher, que em nome da literatura se permitiu ser "possuída" por ela própria. "Me tornei mais eu mesma, embora não saiba muito bem o que isso significa", diz.

Eliane Brum, jornalista e escritora, faz sua estreia na ficção

Lilo Claretto / Divulgação

Por que, entre tantas vidas comuns, você decidiu se debruçar sobre mãe e filha?

Não foi exatamente uma decisão racional. Acredito que ela tenha vindo deste oceano profundo e escuro que é o nosso inconsciente. A história se impôs para mim. Como em tudo o que escrevo, sempre começo a escrever dentro de mim, e só depois vou para o computador. Aconteceu o mesmo no romance. A história foi emergindo, de uma maneira bastante perturbadora. E eu só conseguiria contar esta história – e não outra –, porque ela tomou conta da minha vida. Pensando hoje, acho que é simbólico que a minha primeira ficção seja sobre aquela que talvez seja a principal questão feminina: como uma filha se arranca do corpo da mãe, como uma mãe larga o corpo da filha. Ou seja, acho simbólico que meu primeiro romance seja sobre um arrancar-se do útero.

Como, em seu romance, optou por se mover nos domínios delicados dessa relação?

Acho que a maternidade é muito idealizada na nossa sociedade. É quase como se fosse sacralizada. É quase como se mães e filhas só pudessem

ter bons sentimentos uma pela outra. Ora, a psicanálise já nos mostrou que não é bem assim, que essa relação se desenrola. E cada uma de nós, mulheres, sabe, pela vida cotidiana, que esta é uma relação marcada por conflitos. Basta olhar, com honestidade, para dentro de cada uma de nós, seja como mãe ou como filha, para nos depararmos com sentimentos ambíguos que preferíamos não possuir – e temos a tentação de fingir que não nos possuem. Mas os conflitos são importantes. Os bons conflitos fazem com que delimitemos nossos espaços, nos individualizemos. Enfim, crescemos. Os homens, claro, também têm suas questões com a mãe, que são outras, assim como as mulheres têm conflitos diferentes com o pai. Os problemas acontecem quando esses conflitos são calados, reprimidos, e viram sintomas ou nos impedem de crescer, de nos individualizarmos. De nos tornarmos verdadeiramente adultos. Então, no meu romance, trato destas questões entre mãe e filha, destes pesadelos interiores das mulheres, daquilo que só pode ser dito na ficção, porque há certas realidades

que só a ficção suporta.

Você é reconhecida como cronista do cotidiano. Como foi escrever a primeira ficção?

Foi uma experiência devastadora. Na reportagem, nos esvaziamos para sermos possuídos pela voz do outro, pela história que pertence ao outro. Na ficção, o processo é inverso. Precisamos ter a coragem de nos deixarmos possuir pela nossa própria voz – ou vozes. Mas vozes que não sabíamos que ecoavam nas nossas profundezas abissais. É a voz do outro – ou dos outros – de nós. Este é um processo muito perturbador e que nos toma por completo. Pelo menos esta foi a minha experiência. Enquanto durou a escrita do romance, me tornei uma autômata em todas as minhas outras atividades. Passei a habitar o abismo de mim e paguei um preço alto por isso. A literatura de terror, assim como o cinema de terror, trabalha com a possessão por demônios, entidades, seres alienígenas, monstros e, mais recentemente, vírus. Aprendi, escrevendo ficção, que o mais aterrorizante é ser possuído por si mesmo.

Qual a contribuição da vida lá

**No romance, trato dos pesadelos interiores das mulheres, daquilo que só pode ser dito na ficção**

**A maternidade é sacralizada, como se mães e filhas só pudessem ter bons sentimentos uma pela outra**

**Se parece que eu carrego nas tintas, é porque vejo o mundo interno assim – visceral, cortante, faminto**

fora e de sua própria experiência humana na concepção e desenvolvimento das personagens de *Uma Duas*?

Eu sou o resultado de uma vida vivida e escrevo com tudo o que sou. Quem acompanha meu trabalho – tanto minhas reportagens quanto minha coluna e minha crônica semanal – pode identificar a inspiração em histórias reais que eu contei. Só que são apenas pontos de partida, totalmente reinventados. Como escuto histórias de gente, nas mais variadas geografias, há 23 anos, sinto às vezes que sou habitada por uma multidão de vozes. Na ficção, acho que essa polifonia foi "desfiltrada", de dentro para fora. Neste sentido, também sou influenciada tanto por toda a literatura escrita que li, a literatura do cânone, como pela literatura oral que tive o privilégio de acessar como repórter. O brasileiro tem uma linguagem extremamente sofisticada, constituída de invenções de palavras e achados de linguagem. Muitas vezes me deparei com analfabetos que faziam literatura pela boca. Então, ambas as literaturas – a oral e a escrita – me influenciaram igualmente.

Você pintou um quadro expressionista dessa relação. O que a levou a carregar nas tintas?

Não acho que tenha carregado nas tintas. Escrevi da única forma que pude, da forma como emergiu de mim. Acho que, se parece que eu carrego nas tintas, é porque vejo o mundo interno assim – visceral, cortante, faminto.

UMA DUAS / ELIANE BRUM



O romance focaliza a relação mãe e filha pintando um quadro ultra humano do que as une e separa. Leya / 176 páginas / R\$ 34,90/ [www.leya.com.br](http://www.leya.com.br)

